



EDITORIAL

A *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, revista do Programa de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, completa três anos. Nesse período em que buscamos trilhar veredas que possibilitassem o cumprimento do propósito maior de promover a produção do conhecimento acerca de comunicação, cultura e mídia, chegamos a resultados que muito nos orgulham por terem sido, desde o início, compartilhados entre pares.

Pudemos contar com a voz de intelectuais notórios no cenário brasileiro e internacional, convidados para a composição dos dossiês, e com autores altamente qualificados para as demais sessões da revista, o que permitiu a promoção de reflexões consistentes no campo comunicacional, em sua intensa diversidade.

Contamos com a excelência de uma Comissão Técnica que emitiu pareceres que garantiram a qualidade dos artigos. O resultado que se apresenta nos deixa felizes e certos de que a Tríade pode vir a se tornar referência no meio acadêmico brasileiro e, quem sabe, em breve, superar nossas fronteiras na disseminação de profícuos debates intelectuais.

Contamos com a competência e dedicação de uma Equipe Editorial – Miriam Cristina Carlos Silva e Wilton Garcia – que, nesses três anos, participou do passo a passo nesse caminhar, na construção do perfil e da identidade da Tríade. Partilhamos, por fim, com todos os colegas/professores do PPG, a produção dos dossiês, respeitando a afinidade temática das pesquisas por eles desenvolvidas e com eles continuaremos contando.

Aos colegas que passam, agora, a compor a Equipe Editorial –Rodrigo Fontanari e Mara Rovida – damos as boas-vindas.

Nesse período de três anos, foram publicados os oito números previstos – duas publicações anuais – e, com o intuito de caminhar rente à área de concentração do PPG – Mídia – e às linhas de pesquisa – Análise de Produtos e Processos Midiáticos e Mídias e Práticas Socioculturais –, foram contemplados temas que sustentam nossa linha editorial: produção de sentidos, modos de organização e estruturação de textos em processos e práticas de linguagem nas mídias (impresas, visuais, audiovisuais e hipermediáticas); narrativas envolvidas na configuração de gêneros e formatos; regimes de interação, visibilidade,



subjetividade, identidade e sociabilidade constituintes de processos midiáticos; formas de sociabilidade advindas das práticas comunicativas no espaço urbano e em instituições, considerando os processos midiáticos envolvidos, bem como mudanças históricas e estruturais dos meios de comunicação e suas implicações nas práticas socioculturais.

Agradecemos a todos os que, generosamente, acreditaram no potencial da *Tríade* e se dispuseram a se fazer parceiros nesse desafio. Que essa parceria se solidifique de modo a fomentar e alimentar o debate acadêmico.

Feitas essas considerações, deixemos que o Prof. Dr. Rodrigo Fontanari, organizador do dossiê, apresente-nos o volume que encerra o ano de 2016: “Comunicação & Literatura”.

A você, leitor/receptor/interator, uma boa leitura!

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza
Editora Executiva



Apresentação

Em tempos em que a comunicação parece ter sido reduzida à imagem, ou como alguns teóricos preferem dizer, aqui e acolá, que nossas relações passaram a ser mediadas pura e simplesmente por imagens, esta edição da revista *Tríade – Comunicação, Cultura e Mídia* busca, de certa maneira, tencionar o que desde os meados de 1960, alguns teóricos vêm denominando com “Civilização da imagem”; pois, na verdade, como prefere ir na contramão das obviedades, Roland Barthes já nos alertava para fato de que talvez não vivêssemos, como querem uns e outras, nesta “Civilização da imagem”, mas antes, como prefere dizer, vivemos numa “civilização do logoicônica”, uma vez que, por exemplo, a imagem em si mesma, é, muitas vezes legendada, ou então, lembremos ainda também, o cinema é falado, as histórias em quadrinhos são encrustadas de textos. Enfim, somos aqui contaminados pela mesma impressão louca com que é contagiado o protagonista da tragédia de William Shakespeare, *Hamlet*, em cena do Segundo Ato, notadamente, na conversa entre Polônio, pai de Ofélia, e o protagonista, que, caminhando fingindo ler um livro, é questionado sobre o que está lendo, então, sem hesitar, dispara o protagonista, não sem deixar de ressoar o tom dissimulado de sua louca resposta, “Palavras, palavras, palavras, nada mais que palavras”. Tomando, enfim, a palavra com mídia das mídias que se contagiando ou relacionando com outras palavras, constitui o tecido que dá origem ao texto, buscamos, por meio das diversas contribuições vindas de diferentes perspectivas teóricas e de diversos campos do saber, indagar tanto os limites de sua ação discursiva como também refletir sobre o exame crítico a que a literatura submete a linguagem ordinária, sob a qual se apoia a comunicação.

Este volume abre com o ensaio do Dimas Künsch intitulado “A academia, a comunicação e a compreensão. Saberes plural em roda de conversa”, apresentado por ocasião da comemoração dos 10 anos do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura.

O dossiê temático, por sua vez, estrutura-se a partir do artigo sutil e atento de Neiva Pitta Kadota, “Fragmentação e síntese: uma tendência em curso na ficção contemporânea”, em que a autora relaciona um conjunto de aspectos estilísticos que se pode entrever na trama dos textos ficcionais da contemporaneidade. Em seguida, temos a leitura arqueológica de Marcia Fusaro em “Da literatura epistolar à e-pistola: panorama e rede(finções)”, questiona-se se haveria ainda, atualmente, com todas as modificações provocadas pelo uso da tecnologia



a literatura epistolar. Com Carolina Bellocchio e Claudia Pino em “Refazendo um trajeto: 10 anos de semiologia – a teoria do texto de Roland Barthes”, reencontramos o “prazer do texto” através da delicada apresentação que as autoras fazem da teoria do texto barthesiano que arrasta toda subjetividade para a escritura, misturando vida & obra na forma de escritura.

Conduzindo suas reflexões em torno da palavra, Jean Pierre Chauvin em “Circunlóquio da palavra”, explora a força semiótica do signo verbal em fazer ver e fazer representar o mundo. Já Iury Bueno e Rodrigo Fontanari, com muita habilidade, voltam-se também à semiologia de Roland Barthes, mais precisamente, à sua noção de Neutro, mostrando como esse operador conceitual pode conduzir a palavra ao seu “grau zero”. Nunno Manna e Phellipy Jácome em “Ficção como antropologia especulativa: embates comunicacionais na literatura de Juan José Saer” se utilizam de um olhar atento que sabe ler na superfície do espelho literário o reflexo da realidade, ao reler o romance *O Enteado* de Juan José Saer.

Bruno Guimarães Martins em “Os artifícios da voz: Francisco de Paula Brito e a Sociedade Petalógica”, se debruça sobre a palavra ou voz para pensar a historiografia tanto da imprensa quanto da literatura. Aderson Fávero Rodrigues e Miriam Cris Carlos, em “A multiplicidade signica e a fruição estética da mensagem publicitária”, buscam entrever a confluência entre os produtos da comunicação de massa, sobretudo, no anúncio publicitário, os textos do fazer artístico-poético.

Eduardo Ritter em “Israel em abril: uma narrativa de viagem de Erico Verissimo na interseção entre jornalismo e literatura” demonstra, através da análise cuidadosa do romance de Erico Verissimo, a tênue fronteira entre o relato ficcional do relato de viagem e o jornalístico. Por sua vez, “Corpo erótico em Clarice Lispector: A via crucis do corpo” de Telma Maria Vieira se detém nas discussões das representações do corpo no romance *A via crucis do corpo*. Romilson Marco dos Santos em “Um percurso diacrônico nas transformações das bases temáticas das telenovelas” examina as profundas modificações sofridas pelo modelo narrativo empregado pela telenovela, que se afastou da adaptação dos romances folhetinescos para se entregar ao relato das cenas cotidianas.

Por fim, Adriano Messias de Oliveira em “Três melancolias, três olhares: de Ofélia, da malmaridade e de Romon Llull” procura refletir a melancolia na literatura.

Na seção Artigos, Leda Tenório da Motta em “Mitologias: falsa consciência e consciência partida” apresenta as diferenças metodológicas amparada por uma nova crítica



cultural sustentada pelas novas perspectivas semiológicas abertas pelo linguista Ferdinand Saussure. Denize Correa Araújo em “A memória das ditaduras nos países ABC: anistia, reparação e impunidade” pensa a relação de três culturas diferentes com a memória de suas respectivas ditaduras tal qual representado em filmes.

“Narrativas espantosas: dos jornais do século XIX aos portais do século XXI”, Gabriela Pavanato Sardinha analisa o intercruzamento das narrativas folhetinescas e o discurso jornalístico, notadamente, na elaboração do estilo *fait divers*. Mara Rovida em “Apuração in loco: o impacto do trabalho de campo no fazer jornalístico” discute a importância do trabalho de campo como meio de apuração jornalística.

Esta edição traz ainda a resenha “Agamben; o grau zero e o poder destituente” redigida por Olgária Matos, que apresenta o quarto volume de *Homo Sacer* de Giorgi Agamben intitulado *Altíssima pobreza*.

E, por fim, na seção dissertações, apresenta-se o resumo das dissertações defendidas no Programa de Comunicação e Cultura no ano 2016.

Organizador do Dossiê

Rodrigo Fontanari